

Memórias de um bolseiro do Instituto Gulbenkian de Ciência

Vasco D'Orey

.... Caixa Geral de Depósitos

Bolseiro do Centro de Cálculo Científico da Fundação Calouste Gulbenkian (... a ...)

Licenciada em Matemática (19..) pela .Faculdade de Ciências de Lisboa

Quando entrei para o Instituto Gulbenkian de Ciência como bolseiro, na altura designado por estudante graduado, ainda não tinha acabado a licenciatura em Matemática, na Faculdade de Ciências de Lisboa. Tinha sido um dos poucos a entrar para o ramo de matemática pura, que ao mesmo tempo nos dava também a opção de frequentar uma cadeira fora do âmbito da matemática pura. Eu frequentei duas cadeiras de estatística com o Professor Tiago de Oliveira.

Um dia o Professor Tiago de Oliveira perguntou-me se eu queria ir para o Centro de Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian, e foi através dele que eu fui trabalhar com o Dr. Teixeira de Queiroz. Na altura, em 1977, eu tinha 24 anos e agarrei aquela grande oportunidade de corpo inteiro. Eu sabia que o Centro de Cálculo Científico era o único sítio em Portugal onde se poderia fazer investigação **em matemática**.

Não lidei com nenhum dos “dramas” de que outros falaram aqui, nem nunca trabalhei com uma máquina Facit. Excepto o drama das fitas, em 1973, no time-sharing, onde aprendi a programar.

Uma das cadeiras que frequentei chamava-se Análise Numérica e Cálculo Matemático e a minha experiência foi com programação em Fortran. Como suporte dispúnhamos de um livro de Fortran II, escrito pela Dr.^a Maria Odete Cadete, e editado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

No quinto ano fui para Oeiras. Para mim foi fascinante porque, em termos práticos, tinha-me livrado da fita perfurada. Percebi que se no dia-a-dia havia um problema para resolver, a primeira coisa a fazer era pensar e aprender sobre ele, e a segunda coisa era programar aquilo que tínhamos pensado sobre ele e sobre os resultados que se queriam obter. Depois era preciso ter cuidado com a perfuração e os cartões. É claro que as gerações foram mudando e melhorando. Hoje em dia os meus filhos quando programam em Visual Basic ou em C no computador, é o próprio computador que lhes chama a atenção para os erros, contrariamente ao que se passava dantes.

Aprendi a importância da disciplina na elaboração dos programas. O *debugging* consumia muitas horas, mas fazia com que os outputs fossem sempre os que esperávamos dos programas, sabendo à partida quais os inputs que tinham sido usados.

Isto não são trivialidades porque, na minha opinião pessoal, muitas vezes não vejo esta disciplina nas pessoas que estão a trabalhar, que quando obtém um output do computador não questionam o porquê

daqueles números. Não são simplesmente números que o computador deu, são números com significado, e por alguma razão.

A experiência do Centro de Cálculo Científico, e do computador de Oeiras, funcionava para esta zona de Lisboa como um íman, uma vez que atraía muita gente de fora, quer para os cursos que a Fundação dava, quer pela própria utilização do computador.

Na Fundação conheci muita gente, até porque a sala do computador não era de acesso tão proibido como na Universidade do Porto, e esse contacto com pessoas diferentes foi muito positivo.

Esta experiência feliz foi interrompida por um amável convite do exército português para ir lá passar dezoito meses.

Com aquela idade estava maravilhado com o computador da Gulbenkian, e com mais um computador antigo que estava numa sala ao lado, e quando o Dr. Teixeira de Queiroz, que lia imensas revistas sobre o aparecimento dos primeiros PC's, me dizia que estes eram o futuro, eu na minha ingenuidade pensava que ele estava enganado. Como é que uma coisa tão pequenina podia ser o futuro, se tínhamos uma coisa tão grande a funcionar tão bem?

Até que um dia, vi pela primeira vez um PC no Centro de Biologia da Fundação Calouste Gulbenkian, com o qual os meus colegas de biomédicas trabalhavam.

As áreas em que trabalhei foram estatística, programas de classificação, etc. A Fundação tinha uma coisa maravilhosa, a filosofia de que desde que gostássemos de algo, que o fizéssemos. A certa altura, aí por 1975 ou 1976, lembrámo-nos de fazer uma linguagem de programação que permitia captar texto e compará-lo. Tentamos fazer uma análise estatística dos diferentes heterónimos do Fernando Pessoa, mas o projecto acabou por ser interrompido pela tropa.

Olhando para trás sinto uma imensa saudade.

Por um lado porque foi um período incrivelmente feliz da minha vida, por todos os motivos que referi.

Ao mesmo tempo, foi um período que também simbolizou o desaparecimento de uma certa maneira de fazer computação e o nascimento de uma nova visão completamente diferente.